

Maravilhas e contrastes de uma cidade - tradições e representações musicais do Rio de muitos janeiros ¹

Prof. Dr. Renato de Almeida Vieira e SILVA²
Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU – SP

Resumo

Este artigo tem por base o estudo das tradições e das representações na construção imaginária da cidade do Rio de Janeiro, utilizando-se de algumas referências da música popular brasileira ao longo de um século. A partir de trechos musicais é possível identificar uma certa dicotomia nessas construções imaginárias da cidade na visão de diferentes autores, em diferentes épocas. Há momentos onde se misturam a poesia, quase naturalista, enquanto que em outros destacam-se as mazelas urbanas recorrentes, como se a cidade fosse se equilibrando entre o maravilhoso e o caótico. Desta forma, o imaginário do Rio de Janeiro mostra-se ao mesmo tempo ícone e síntese das contradições locais e nacionais.

Palavras-chave

Tradição; Representações Sociais; Construção de Imaginários; Música Popular

INTRODUÇÃO

Por ser tema frequente em letras de músicas, como também presente em outras formas de manifestação da arte e da cultura, na literatura, nas artes plásticas, no cinema, na fotografia, e em cenas de telenovelas, a realidade e o cotidiano do Rio de Janeiro inspiraram inúmeros trabalhos e obras. Este é, portanto, o ponto de partida para a construção deste trabalho, onde propomos um recorte no rico acervo musical que tem o Rio como tema e pano de fundo.

Os trechos das letras escolhidas retratam algumas das realidades e transformações da vida urbana e dos costumes, bem como a construção imaginária da cidade que sinaliza entre o idílico-deslumbrante das paisagens e personagens, bem como a leitura do convívio com as dificuldades sócio-estruturais locais.

Este artigo enfoca a importância das tradições na construção das representações da cidade do Rio de Janeiro por meio da produção musical em momentos históricos distintos. Serão identificadas nesses estratos as visões e interpretações de diferentes autores e épocas cujos temas retratam as transformações ocorridas na vida da cidade.

1. Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Urbanas, XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

2. Doutor em Ciências da Comunicação e professor nas Faculdades Metropolitanas Unidas e Faculdades Rio Branco - <http://lattes.cnpq.br/0524756060525155>, email: renato-e@uol.com.br

O IMAGINÁRIO DA CIDADE MARAVILHOSA

“O Rio amanheceu cantando, toda cidade amanheceu em flor, e os namorados vão para a rua em bando, porque a primavera é a estação do amor” - João de Barro ou Braguinha

As comemorações dos 450 anos de fundação da cidade do Rio de Janeiro tornam-se um fator catalisador das atenções nacionais e estrangeiras para um dos núcleos urbanos mais curiosos do planeta e, por esta razão, motivo e sede de inúmeras contradições capazes de alimentar e despertar as mais variadas representações, análises e opiniões, sendo difícil permanecer indiferente ao que lá acontece. A cidade é para alguns considerada “caixa de ressonância nacional” por sugerir a ampla exposição, expansão, descontinuidade e as mudanças ocorridas na sociedade brasileira, em permanente entrelaço e contradição.

Do ponto de vista histórico, sócio-político-cultural, em termos brasileiros, a cidade do Rio de Janeiro vivenciou ao longo de séculos várias transformações urbanas, populacionais, administrativas e culturais, recebendo e abrigando indivíduos das mais diferentes origens que ajudaram a compor o seu rico caleidoscópio humano, cujas dimensões na ocupação do espaço urbano foi decorrente de intensa interculturalidade entre os povos. Por lá passaram e deixaram sua marca as mais diversas etnias e culturas, destacando-se a indígena, a africana, a europeia portuguesa e francesa, bem como as levas de turistas originárias de todo o mundo que tomam a cidade anualmente em busca do encantamento que a cidade possui ou promete oferecer.

Todo esse conjunto de fatores é capaz de gerar um rico patrimônio simbólico sedimentado ao longo do processo histórico-cultural cuja dinâmica vai sendo reinventada a cada novo momento vivido pelo complexo das transformações urbanas e sociais, bem como pelos eventos, acontecimentos relevantes e pela intensidade da comunicação de massa apoiada nos imaginários, construídos e ampliados pelo senso comum.

Nesse amplo processo de formação das representações sociais destaca-se a construção musical que tem como tema o Rio de Janeiro, cujos registros e memória são disseminados entre a população e que por vezes tomam dimensão global, em gravações de importantes intérpretes, como ocorre com a produção musical decorrente da Bossa Nova e, em especial, pela música Garota de Ipanema cuja divulgação está entre as mais executadas do mundo.

Para composição deste artigo escolhemos algumas dessas produções musicais que revelam as representações e contradições da cidade do Rio de Janeiro, cujas marcas revelam épocas

distintas e narrativas que ganharam maior impulso e repercussão pela difusão nos meios de comunicação no momento em que foram lançadas, Destaca-se inicialmente a era rádio, em seguida as transmissões dos programas de televisão e, mais recentemente, em redes de dimensões planetárias que ultrapassam fronteiras e culturas e criam novas formas de percepção e reinterpretação.

A construção e as representações do imaginário do Rio de Janeiro por meio da música popular é, portanto, o ponto de partida para a construção deste artigo, onde faremos uma pequena amostra e recorte do rico acervo disponível na música popular brasileira que tem a cidade como tema e pano de fundo.

A partir de trechos e letras dessas músicas é possível perceber a criação de representações e imaginários da cidade de forma dual ou, em dicotomia. Há momentos de poesia, quase naturalista, enquanto em outros o destaque é para as mazelas urbanas recorrentes, como se a cidade fosse se equilibrando entre a beleza e um difícil cotidiano. Dessa forma, o Rio de Janeiro torna-se ícone das contradições locais e nacionais, sem no entanto comprometer a imagem de simpatia, acolhimento, hospitalidade e um jeito de ser muito típico dos cariocas, características estas amplamente difundidas e reforçadas em suas representações midiáticas. Por ser tema de inúmeras letras de música, como também presente na literatura, pinturas, cinema e fotografia, nas novelas, os espaços e o cotidiano do Rio de Janeiro inspiram centenas de trabalhos e obras artísticas. Entretanto são nos trechos de músicas, na lembrança dos filmes, na repetição cotidiana dos telejornais que se percebe a construção imaginária da cidade de forma mais dual, onde mesclam-se poesias e as dificuldades de se viver na urbe. As poesias naturalistas sugerem as curvas das montanhas, do litoral e das mulheres, aspectos destacados como inspiração, por exemplo, para as obras do arquiteto Oscar Niemeyer.

A beleza dos contornos da cidade, situada entre a floresta e o mar, que cerca a ocupação do espaço urbano. A simpatia midiaticizada, a hospitalidade destacada em enquetes internacionais e o jeito de ser apregoado ao carioca, aos poucos se situam entre o medo e a preocupação com as dificuldades de viver numa megalópole, por suas inúmeras favelas, a sujeira das ruas, a poluição das praias e das florestas; a indisciplina dos motoristas de ônibus, os serviços públicos ineficientes; o transporte caótico, a violência urbana em todos os níveis, gêneros e formas que aumentam ou expõem as feridas urbanas nos noticiários.

Por estarem presentes em diversas manifestações artísticas, os espaços e o cotidiano do Rio de Janeiro inspiram centenas de obras artísticas que ganharam construções midiáticas de diferentes formatações. Ganham destaque, o idílico bairro do Leblon, das novelas de Manoel Carlos; a Vila Isabel romântica dos sambas de Martinho da Vila, a Ipanema mais cheia de graça presente nas bossas de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, a princesinha do mar Copacabana, do baiano radicado carioca Dorival Caymi, ou como parte integrante de romances e narrativas policiais.

Essas construções a nosso ver trazem em sua origem a relação direta com a experiência social, cultural e imaginária do Rio de Janeiro, amparada em boa parte pela tradição e pelas formas com que as representações são construídas e midiáticas. O imaginário e a memória coletivos expressam essa concepção por meio da herança e da recordação construídas pela tradição, amplamente amparada no senso comum e espelhada na memória social e musical, especialmente nesta última, cujas narrativas contidas nas letras das composições sobrevivem até nossos dias e são repetidas por diferentes segmentos da população.

O imaginário social torna-se uma forma de representação do mundo legitimada em geral pela crença dos indivíduos e não pela autenticidade ou comprovação (PESSAVENTO, 1999 - p.161). Assim alguns dos elementos da cultura local, como aqueles representados pela música, assumem dimensão simbólica e lhe dão sentido.

Detalhemos então o ponto fundamental desse trabalho que é a importância da tradição para a construção imaginária da Cidade Maravilhosa na produção musical que se seguiu, tomando por base algumas reflexões de Eric Hobsbawn.

A TRADIÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL

Originalmente a expressão tradição teve um significado religioso, como doutrina e prática transmitida de século para século, por meio de exemplos ou palavras, muitas vezes de forma oral. O sentido se expandiu modernamente significando o conjunto de elementos culturais presentes nos costumes, nas artes e dos modos de fazer, que são herança de um passado. A tradição é, portanto, um produto do passado que permanece e atua no presente. Torna-se um conjunto de práticas e valores enraizados nos costumes de uma sociedade e tem profundas ligações com as manifestações culturais e no folclore, entre elas a produção musical.

A tradição tem, na perspectiva sociológica, a função de preservar para a sociedade costumes e práticas que já demonstraram ser eficazes no passado. Para Max Weber, os comportamentos tradicionais são formas de ação social, ou seja, são atitudes que os indivíduos tomam em sociedade e são orientados pelo hábito, pela noção de que as coisas sempre foram assim. Podemos inferir, nesse caso, que o senso comum que se formou em torno do Rio de Janeiro pode apresentar nuances dessa visão tradicionalista, pelo fato de ter sido capital de um império, capital de um país e cidade indutora de modas, usos e costumes que se propagaram pelas mais diferentes manifestações culturais e midiáticas.

Mas as tradições também evoluem, se transformam e não podem ser vistas como uma forma estática ou arcaica de ser de uma sociedade, porém estão em constante modernização como um processo dinâmico de aprendizagem e reapropriação de acordo com os novos preceitos das ciências sociais.

Ao estudar o mundo contemporâneo, Eric Hobsbawn utiliza o conceito de *tradições inventadas* para denominar o conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, regulada por regras aceitas por todos, que tem como objetivo desenvolver na mente e na cultura determinados valores e normas de comportamento através de uma relação com o passado feita pela repetição constante dessas próprias práticas.

Assim, podemos deduzir que em muitas das letras musicais produzidas em diferentes épocas para cantar em verso e prosa a cidade do Rio de Janeiro, desenvolveu-se um sentido de continuidade sustentadas pelas tradições, respeitados os diferentes estilos e ritmos das composições, bem como seus conteúdos, variando entre o idílico, o irônico, o cômico, as letras de duplo sentido, a exploração dos contrastes, que em geral levam ao engrandecimento das belezas naturais e às dificuldades do cotidiano de seus habitantes.

A tradição musical carioca, portanto, revela a dimensão universal que a cidade do Rio de Janeiro tomou na produção artística brasileira e que de alguma forma dá-lhe expressão local e mundial a partir dos valores apregoados de suas maravilhas, de suas mazelas, de um jeito de ser coletivo, a fim de legitimar pela repetição e pela tradição, a sua força de representação nacional como expressão da cultura brasileira, modelo exportação. A recente produção, em forma de animação, do filme *Rio* traduz em diferentes alegorias o encantamento, a beleza e as contradições de uma cidade que leva, por tradição, o título de maravilhosa. Esse reconhecimento expande-se além das fronteiras nacionais e que se torna mais amplo a cada grande evento nela realizado, como ocorreu durante parte dos jogos realizados na Copa do Mundo de Futebol, em 2014, que teve como arena o não menos

emblemático estádio do Maracanã, como também ficará demonstrado durante a ocorrência dos Jogos Olímpicos, em 2016. Veremos na sequência como a construção dessa tradição se manifesta no meio musical cujas melodias e oralidade passam de geração em geração, integrando o rico caldeirão cultural que reverbera na mídia, por sua diversidade, em diferentes momentos da vida nacional.

TRADIÇÃO E CONTRASTES

Conforme verificamos, o sentido de tradição originalmente apresenta um significado ritual religioso. A sobrevida de alguns desses imaginários tomam por base a ampla construção coletiva que também resulta da mescla e dos hibridismos de influências culturais e religiosas, como destacado por Hobsbawn, as quais nos revelam na sua essência uma atmosfera de encantamento mágico. Assim o maravilhoso se incorpora na construção metafórica de uma cidade pautando assim os cenários turístico, econômico e, por que não, o musical cuja coleção perpassa gerações e desperta a imaginação coletiva. A princípio os contrastes não se apresentam de maneira a impossibilitar uma boa imagem pública da cidade. Ao contrário, resulta de experiências que muitas das vezes podem ser igualmente vivenciadas por pessoas do mundo inteiro, tais como excursões especializadas em visitar favelas, locais esses rotulados e explorados midiaticamente como redutos de pobreza e violência, mesmo que na realidade não o sejam. A imagem idílica do morro, por sinal é uma das mais retratadas pela música popular, como podemos verificar nos recortes de algumas melodias de compositores cariocas:

“Barracão de zinco, sem telhado, sem pintura, lá no morro, barracão é bangalô. Lá não existe felicidade de arranha-céus, pois quem mora lá no morro, já vive pertinho do céu” – Herivelto Martins

“Vista assim do alto, mais parece um céu no chão, sei lá, em Mangueira a poesia feito mar se alastrou e a beleza do lugar, para se entender tem que se achar que a vida não só isso que se vê, é um pouco mais. Que os olhos não conseguem perceber e as mãos não ousam tocar e os pés recusam pisar..... Sei lá, sei lá não sei, a Mangueira é tão grande, que não cabe explicação” - Paulinho da Viola

“Lata d’água da cabeça, lá vai Maria, lá vai Maria, sobe o morro e não se cansa, ela é mesmo uma criança, lá vai Maria” - Luiz Antonio e J. Junior

Esta aparente contradição entre a vida nos morros cariocas e os demais espaços urbanos da cidade, discorre, por um lado, sobre a dura vida de quem lá habita, expõe as diferenças sociais e econômicas, assim como reserva um lado pitoresco de convivência onde é possível se superar e ser feliz num meio ambiente que poderia ser considerado difícil e hostil. Torna o morro mais palatável aos olhos de quem não o conhece e ressignifica a condição de vida de seus moradores, mesmo que não espelhe as carências individuais e coletivas.

Em outro momento do cancionário carioca, registrado na melodia *Rio 40 Graus*, da compositora Fernanda Abreu, exacerbam-se os contrastes da cidade, na qual a violência urbana se mostra mais latente, convivendo lado a lado com a demonstração espetacular de seus dilemas na convivência entre seus habitantes, em um misto de encantamento e sugestão da existência de poderes ocultos, construídos à margem do setor público e da sociedade oficial, como podemos conferir nesse trecho da canção:

*“Rio 40 graus
Cidade maravilha
Purgatório da beleza
E do caos...”*

*Capital do sangue quente
Do Brasil
Capital do sangue quente
Do melhor e do pior
Do Brasil...*

*Cidade sangue quente
Maravilha mutante...*

*O Rio é uma cidade
De cidades misturadas
O Rio é uma cidade
De cidades camufladas
Com governos misturados
Camuflados, paralelos,
Sorrateiros,
Ocultando comandos...”*

A característica mítica da construção imaginária da cidade do Rio de Janeiro ganha igualmente outras nuances mais suaves, que não a das tensões registradas entre as diversas camadas da população, pela qual a história contada em verso e prosa também personifica o seu engrandecimento. Ao lembrar Barthes, podemos dizer que o mito da cidade

maravilhosa cresce por intermédio da fala e das construções simbólicas existentes em todo um sistema de comunicação. Não se limita ao conceito, nem a uma ideia, constitui-se, sobretudo, um modo de comunicação. E é na comunicação social que se constroem referências míticas formadas tanto nos discursos oficiais quanto na massa ilimitada de referências presentes no senso comum, tais como a fotografia, a pintura, a literatura, o cinema, a música, entre outros.

Ao completar 400 anos de fundação, várias homenagens foram feitas à cidade do Rio de Janeiro. Entre elas, uma música composta por Dalva de Oliveira se destacou por religar o vínculo histórico e mítico dessa construção, ressaltando o caráter quase religioso da fundação da cidade:

*“Foi Estácio de Sá quem fundou,
E São Sebastião abençoou,
Rio é quatrocentão,
Mas é um broto no meu coração*

*Eu falo assim porque Rio
Eu conheço você
Com essa idade que o bom Deus lhe deu
Para cantar, lá, lá, lá e para amar, lá lá, lá,
Você está mais broto do que eu”*

A narrativa histórica nesse caso desempenha um papel vital na construção mítica, por estabelecer igualmente a conexão com o sagrado, entre os elementos fundadores da cidade, como se ungida fosse pela dimensão divina, desde a sua criação. A importância de suas representações mostra-se gloriosa e magnífica, como se o tempo cronológico não lhe mostrasse mudanças significativas na sua maneira de ser.

Veremos na sequência a expansão dessas narrativas a partir de outras melodias que ganharam dimensões planetárias levando o Rio de Janeiro além das fronteiras nacionais.

MODERNIDADE NA CONSTRUÇÃO MUSICAL E MUDIÁTICA

Podemos sugerir que o fenômeno da Bossa Nova tornou-se um fenômeno musical que representou não apenas o período da construção do Brasil moderno como também o momento que caracterizou a transferência da sede do governo, do Rio de Janeiro para Brasília, deixando a capital fluminense esvaziada daqueles símbolos cultivados na

construção de sua identidade, como centro de emanção de modas e modismos sobre a vida nacional.

Nascem nesse período duas composições: Garota de Ipanema, de autoria de Tom Jobim e Vinícius de Moraes e, Samba do Avião, do próprio Jobim, que ganhariam os palcos internacionais e que melhor representam a construção da chamada “alma carioca” cujas letras têm em comum a estética idílica da cidade do Rio de Janeiro e de alguns de seus principais atrativos.

Em Garota de Ipanema encontramos a feliz junção do “ritmo da modernidade”, representado pelo bossa-novismo, com as apregoadas e destacadas virtudes físicas da mulher carioca em seu caminho para o mar, símbolos que só reforçam o caráter imaginário dessa construção como podemos verificar na letra da música:

*“Olha que coisa mais linda
Mais cheia de graça
É ela menina
Que vem e que passa
Num doce balanço
A caminho do mar*

*Moça do corpo dourado
Do sol de Ipanema
O seu balançado é mais que um poema
É a coisa mais linda que eu já vi passar*

*Ah, por que estou tão sozinho?
Ah, por que tudo é tão triste?
Ah, a beleza que existe
A beleza que não é só minha
Que também passa sozinha*

*Ah, se ela soubesse
Que quando ela passa
O mundo inteirinho se enche de graça
E fica mais lindo
Por causa do amor”*

Essa composição ganhou horizontes mais distantes e é sempre citada como uma das mais tocadas em todo o mundo, aproximando o universo mágico do ambiência carioca, com o desfrute do prazer e do romance, como formas estereotipadas das relações existentes entre os indivíduos e as possíveis interações que podem surgir quando se está no Rio de Janeiro e, especialmente, em Ipanema

Em “Samba do Avião”, o autor mescla o saudosismo de suas representações com os elementos da metonímia carioca, apregoados de tal forma que hoje podemos considerá-la uma letra profética, na qual o monumento ao Cristo Redentor se tornou uma das maravilhas do mundo moderno, contribuindo ainda mais para a consolidação da “aura mítica” do Rio de Janeiro, abençoado por Deus e símbolo máximo de uma cidade, cartão postal do país.

*“Minha alma canta,
Vejo o Rio de Janeiro,
Estou morrendo de saudade.
Rio, teu mar, praias sem fim,
Rio, você foi feito pra mim.
Cristo Redentor, Braços abertos sobre a Guanabara.
Este samba é só porque, Rio, eu gosto de você,
A morena vai sambar, Seu corpo todo balançar.
Rio de sol, de céu, de mar,
Dentro de mais um minuto estaremos no Galeão....
Este samba é só porque,
Rio, eu gosto de você,
A morena vai sambar,
Seu corpo todo balançar.
Aperte o cinto, vamos chegar,
Água brilhando, olha a pista chegando,
E vamos nós.
Pousar”*

Estas composições, longe de esgotar o rico acervo musical produzido por compositores de origem carioca, são revelações da sobrevida das tradições embaladas pelas letras que sedimentam o imaginário urbano e coletivo, alimentam o senso comum, como também são capazes de despertar os sentimentos mais amplos em torno dos imaginários e narrativas do maravilhoso contexto de uma cidade, sejam nos aspectos positivos, sejam naqueles contrastantes. Não se restringem, portanto, à formação de uma imagem apoiada unicamente na construção de uma simbologia turística, quase utópica, mas de desenvolver a curiosidade dos viajantes, numa terra onde realidades dissonantes se encontram e são capazes de atrair, pelo desejo, e por vezes fomentar uma experiência não positiva. Talvez daí resulte a sua atratividade.

Últimas considerações

As expressões da imaginação artística por meio da música revela-se uma das marcas culturais de uma cidade, na sua maior expressão popular, para não dizer o seu DNA fundamental. É como um código aparentemente genético que não teria importância e

ressonância caso não estivessem estabelecidas algumas pré-condições para a criação e dimensão desse status quo. Pode-se inferir que a somatória desses fatores tornaram o Rio de Janeiro a mais mítica e emblemática de todas as cidades brasileiras, que para o bem ou, para o mal, mostra-se mais vigorosa nos momentos em que a cidade se renova, ressurgue e se ressignifica, especialmente em momentos de intensas transformações urbanas e culturais.

Esse diálogo com o renascimento parece ser fundamental para a identidade carioca, como uma construção simbólica que estabelece uma comunidade de sentido e um ponto de referência no mundo. A cidade maravilhosa é como o espelho onde a imagem refletida depende de quem a contemple, num jogo permanente de representações sensoriais (PESAVENTO, 1999- p.158).

A música e todo o processo de midiaticização dessas composições espelham essas percepções individuais e coletivas, ultrapassando gerações, consolidando, pela tradição, a produção narrativa sobre a cidade do Rio de Janeiro que não somente conta e explica, mas revela outros sentidos não tão explícitos. As representações sociais e musicais seriam a construção desse universo simbólico onde, independente das contradições de uma grande cidade, parecem só reforçar o seu caráter mítico, que se sobrepõe à sua própria realidade.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro. Difel, 2007

JOVCHELOVICH, Sandra . **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009

HOBBSAWN, Eric. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2012

PESAVENTO, Sandra J. **O Imaginário da Cidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade, 1999

Outras fontes

<http://www.vagalume.com.br/tom-jobim/garota-de-ipanema.html> - acesso em 20/07/2015

<http://www.vagalume.com.br/fernanda-abreu/rio-40-graus.html> - acesso em 20/07/2015

<http://letras.mus.br/dalva-de-oliveira/1591502/> - acesso em 20/07/2015